

GRAFITOS, CATARSE DO COLETIVO

Raymundo Dall'Agnol
Professor da UFRPE, UNICAP
e FESP

1. Conceito

A prática dos grafitos atravessou os séculos como fato universal, facilmente observado hodiernamente em quase todas as camadas letradas ou semi-alfabetizadas. Parece revelar uma força incontida de extravasamento íntimo, limítrofe da catarse emocional indissimulada.

As inscrições populares, pinturas e desenhos toscos feitos pelos povos da Antiguidade, com estilete, instrumentos pontiagudos, ou carvão, nas paredes dos monumentos, templos e muros das cidades da época, receberam a denominação de "grafito" ou "grafitos" (do italiano: *graffito*, vindo do latim — *graphium* — gráfico, estilete — e do grego *graphain* — escrever). A palavra "grafito" tem ligação com "grafite", mineral de cor negra, o carbônio cristalizado, conhecido também como plumbagina, com que se fabrica o lápis.

De valor essencialmente arqueológico, os grafitos foram encontrados em grande número em Pompéia, Herculanium, Roma, Atenas e nas ruínas de outras cidades. Nem sempre estas notações do povo eram gravadas. Às vezes eram pintadas e tornam-se instrutivas no tocante à psicologia popular, à ortografia, ao ensino do povo, comércio, política, moral, religião, sistemas governamentais, etc.

As inscrições constam de frases, dísticos, sentenças, desenhos, — entalhados, insculpidos em pedra, cascas de árvores, madeira, bronze, revestimento dos prédios e na superfície de objetos vários.

O termo teria sido usado inicialmente pelos especialistas das Civilizações das Antiguidades egípcia, grega e romana, para distinguir, das inscrições oficiais, as inscrições e os desenhos a mão livre (do gênero: calúnias, caricaturas ou advertências) encontrados em alguns monumentos arqueológicos, como nas pirâmides do Egito, caserna dos gladiadores em Pompéia, catacumbas de Roma, etc.

2. Locais de Coleta, Objetos, Modalidades

Uma rápida observação exploratória revela, na sociedade atual, a proliferação dos grafitos, os quais são vistos habitualmente em locais de acesso público. Encontramo-los nas portas, fachadas, muros e paredes de templos e prédios públicos, tapumes de obra, nos cruzeiros e monumentos comemorativos; paredes de museus (apesar da vigilância), pedestal de estátuas e monumentos (mesmo necrológicos) também não são poupados. Grande acervo se localiza nas latrinas (banheiros, WC) públicas, tanto masculinas como femininas, de instituições de ensino, restaurantes, hotéis, terminais viários. As paredes, muros e corredores de escolas de todo gênero, são lugares assás utilizados para a "evasão consciente do inconsciente negado", tanto para fixar a inquietação de adolescentes quanto para camuflar complexos de imaturas pessoas adultas. As cascas das árvores, bancos de praça e de ônibus servem também de receptáculo às confidências tácitas de grafitos anônimos, ou levemente identificados por iniciais ou nomes de pessoas dificilmente identificáveis, ou por desenhos e gravuras sintomáticos. A massa que fixa os vidros das janelas, a argamassa de revestimentos das alvenarias recebe a impressão de nomes ou mensagens de incógnitos autores, sob forma de inscrição a lápis, giz, piche e tintas ou por gravações em relevo negativo.

Movimentos reivindicatórios de agremiações políticas, sindicais, desportivas, comerciais, etc., utilizam bastante esta forma de comunicação pública, muito próxima da propaganda e da publicidade, em alguns casos. Tem-se visto palavras e até frases nas calçadas e no leito da rua; inclusive pegadas desenhadas ao longo da rua e subindo na calçada conduzindo à casa comercial objeto da publicidade.

É bastante conhecido o caso do "poeta dos grafitos", no Rio de Janeiro, que usa os tapumes de construções de prédios e do metrô, em locais de grande trânsito de pedestres, para divulgar seus versos, por não ter possibilidade de acesso às editoras.

Outras formas de grafitos específicos, aqui no Brasil, são encontradas nos livros escolares e nas cédulas de dinheiro, esta modalidade mais recente, ao passo que as "mensagens" deixadas nos livros escolares, em geral nas folhas de rosto, (pouco tendo em comum com os consagrados "ex-libris"), são de uso mais antigo, como as do gênero:

"Quem neste livro pegar
 não cause admiração;
 mas se com ele ficar
 não passa de um ladrão",

e a seguir, vinha a data e o nome do proprietário, estudante secundário na maioria. Sem dúvida recorda-se o espírito bem humorado de Cuspiano (séc. XVI) que escreveu em seus "ex-libris" a inscrição famosa: "Cuspiano colocou aqui sua imagem para com ela afugentar os ladrões".

Há grafitos de textura *perceível*, como os que são feitos com o dedo nos vidros e latarias empoeirada dos automóveis, ou os feitos com giz nas paredes, nos muros e nas calçadas assim como os da areia da praia. Existem outros grafitos mais *duráveis*, a lápis, tintas, piche, etc., ou gravações de estiletas.

A multiplicação de mensagens gráficas em cédulas de dinheiro é recente, com progressivo alastramento. As cédulas de menor valor são mais utilizadas; são poucos os grafitos em notas de cem e quinhentos cruzeiros. A categoria de pessoas que usa tal suporte para seus recados presume-se seja de baixo poder aquisitivo. As frases nas cédulas tratam de aspectos humorísticos, políticos, pornográficos; são preces religiosas, provérbios populares, troca de informações (frente e verso da nota), operações numéricas breves (adição, subtração, multiplicação e divisão); fixam nomes ou iniciais de pessoas, rabiscam ou acentuam as efígies (Pedro II, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto), inscrevem datas, números (telefônicos ou de endereços); iniciam "correntes de orações" a São Cipriano (e Sipiiano) aos Santos Cosme-Damião aspirando enriquecimento e pedindo que a "corrente não seja interrompida ou prometendo que: "que nada lhe faltará".

Os WC de determinadas Escolas, devido ao clima ou gênero de estudos e ideologias reinantes, concentram o conteúdo dos grafitos exclusivamente em temas políticos ou de agressão a professores, às autoridades do estabelecimento ou governamentais, com absoluta exclusão de pornografias.

3. Classificação

O repertório, grande parte do qual tem conteúdo erótico, é bastante restrito: coração, flechas, órgãos sexuais, círculos, triângulos, mas contém varia-

ções numerosas (corações a descoberto, coração aureolado, coração atravessado por uma flecha, coração com iniciais no interior, coração partido. . .) Quanto ao estilo, suas características consistem principalmente nas superposições e formas geométricas.

A diversidade de temas abordados nos grafitos poderia sugerir a seguinte classificação, embora aleatória:

a) *políticos* ou de revide ao poder constituído, cristalizados em agressões a pessoas que exercem o mando, em qualquer situação e escala de chefia: autoridades nacionais, chefes de instituições, reitores, diretores, e professores de escolas. . . ou até menção a órgãos internacionais como "Justiça e Paz", OEA ou classes institucionais;

b) *religiosos*, externando súplicas ou agradecimentos, a modo de ex-votos, encontradiços nos locais de romaria ou de devoção tradicional;

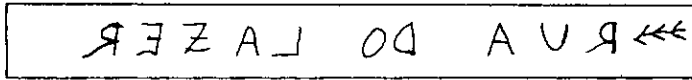
c) *pornográficos e eróticos*, constituídos de expressões gráficas diversas como palavras (ou palavrões), desenho de órgãos sexuais ou situações que sugerem ação sexual normal ou aberrações. Às vezes os grafitos pornoeróticos apóiam os de contexto político. Em outras, os pornográficos encerram convites ou denunciam fatos sexuais apócrifos contra desafetos: colegas, professores, autoridades, contra a pessoa que se desejaria ou não se pôde "conquistar", assumindo, neste caso, os grafitos, a característica vingativa. O maior acervo de grafitos porno-eróticos se encontra nas portas e paredes dos WC; em bancas colegiais.

Os "banheiros" femininos não são poupados, o que demonstra ser o grafito porno-erótico uma constante de ambos os sexos, apesar de se pensar ingenuamente ser a mulher, por índole, mais respeitadora e delicada que o homem, e menos dissimulada que este. Assevera-se até que os grafitos femininos são bem mais agressivos;

d) *jocosos e satíricos*: não falta, aos anônimos autores de grafitos, o espírito galhofeiro. Emitem-se frases e termos humorísticos de fácil aceção popular. O "castigat ridendo mores" dos romanos é sempre redivivo. Desta forma a verve e graça popular satiriza pessoas, acontecimentos, situações. Através do humor reivindica-se, acusa-se, alerta-se, intimida-se.

Recentemente, após a instalação, nas cidades densamente populosas, das "ruas de lazer" com placas oficiais indicativas dos dias e horários de funcionamento, em várias ruas e becos pobres e esquecidos a criançada fixou cartazes e inscrições com letreiros imitativos, oficializando, a seu modo, a transformação da rua para atividades lúdicas, geralmente adstrita ao futebol-de-meia da guriza-

da. Na esquina de um beco (Honório de Almeida, da Estrada de Belém, em Campo Grande — Recife) o letreiro popular é original, desobedecendo a todos os cânones da grafia, mas acaba sendo compreendido: os termos "Rua de lazer" ficou transformado em "Rua do lazer", escrito da direita para a esquerda, com reversão de todas as letras acrescido de uma seta:



A engenhosidade jocosa semi-analfabética do autor do dístico deu o recado, entenda-se-o como se quiser. . .

e) *românticos*: os grafitos românticos remontam a eras antigas, atravessando os tempos, desde que o homem é homem portador de sentimento. Desenhos de corações semi-unidos, entrelaçados, atravessados pela flecha expedida do arco de Cupido, corações partidos, com as iniciais ou nome de enamorados, flores ou frases de amor cândido ou incendiado a perpetuar o afeto jurado, sonhado ou pretendido. Cascas de árvores, bancos de jardins, tampas de carteiras escolares, folhas de papel. . . são o receptáculo habitual de tais juras e declarações amorosas;

f) *moralistas e de advertência*: apesar do alardeado espírito de licenciosidade hodierna, os censores anônimos dos bons costumes, a exemplo de Catão Antigo, o Censor (234-149 a.C), primam por impor princípios rígidos, quando menos de advertência às idéias, tecendo reflexões, preconizando preceitos morais, protestando contra desbragamentos de outros grafitos porno-eróticos. Podem, os grafitos em epígrafe, apenas tecer considerações, admoestar ou fazer refletir;

g) *precatórios, imprecatórios e vindicativos*: a exemplo do grafito anotado na rua, no "ponto" em que uma banca de revistas que fora destruída, provavelmente por um desafeto ou rival: "Que Deus tenha dor do cruel que destruiu minha barraca já que o malvado não teve pena deste infeliz que dela tirava o pão da família";

h) *jacobinos*: raros, mas existem os termos extremistas, racistas, nacionalistas exaltados, radicais, xenófobos;

i) *artísticos*: grafitos sem outras pretensões aparentes que a mera oportunidade de patentear o gosto artístico, incitando porventura à elevação estética, ao bom gosto. Constam de frases, letreiros, desenhos harmoniosos, simétricos de livre criação, ou arranjos, arabescos, flores, etc.

4. Apreciação interpretativa

Numerosos psicossociólogos, impressionados com a sua concisão e violência, consideram os grafitos — tanto os do passado quanto os atuais — como a expressão dos grandes temas do inconsciente coletivo em estado quase bruto: amor, ódio, obsessão da morte, direitos preteridos, injustiça, instinto sexual e libido. Através deles, o autor pode, impunemente, lançar uma mensagem à sociedade, desafiá-la, participar de um sistema anônimo de comunicações, liberar-se de suas obsessões ou reclamos possessivos de justiça.

Os grafólogos procuram conhecer o caráter ou a índole da pessoa pelos traços de escrita da mesma. Habitualmente, nos grafitos tal pretensão é infrutífera, de vez que o autor disfarça sua letra, usa maiúscula, ou se esconde no anonimato, apenas sugerindo, através de discretas iniciais ou de nomes generalizados: Severino, Sônia. . .

Um fato que dificulta a identificação grafológica é a posição vertical, horizontal ou inclinada do objeto sobre o qual o autor escreve. Myra Y Lopez comprova através de testes (P.M.K.) que a escrita sagital normal de uma pessoa na posição horizontal, (na mesa de trabalho por exemplo), difere dos caracteres grafológicos que esta mesma pessoa faz em posição vertical (quadro negro).

Pelo traçado e desconexão do texto, os psicossociólogos diagnosticam as "graforrérias" ou seja a perturbação mental em que o paciente escreve muito e sem nexos. Este aspecto é específico e clínico fugindo à intenção destas notas.

Além de outras considerações acresce dizer:

a) *Quanto ao contexto.* Os grafitos aparecem sob a forma de frases completas, expressões truncadas, vocativos, nomes inteiros ou isolados, palavras soltas, iniciais de nomes, desenhos diversos de objetos, flores, coração, espada, flecha, órgãos sexuais, símbolos político-partidários (a cruz gamada, suástica).

É peculiar o tipo de grafitos dos bancos de praça e casca de árvores que na sua quase totalidade se restringem a confissões ou eflúvios românticos expressos no tradicional coração traspassado pela seta, nomes ou iniciais dos enamorados; é raro o grafito porno-erótico ou político nestes locais. Refere-se que na praia de Porto de Galinhas, litoral pernambucano, existe um baobá que na parte mais elevada do seu tronco registra entalhes de nomes e iniciais dos hoje mui respeitáveis vovôs e vovós da região, ao passo que na parte média e inferior do tronco constam as inscrições de nomes das gerações mais novas. Na medida em que

o tempo passa, o baobá cresce e engrossa fixando com mais profundidade os grafitos nele inscritos.

Nos WC, a constante é de grafitos porno-eróticos e políticos, com dimensões plúrimas, simplesmente para desanuviar, para vingar-se ou na esperança de proselitismos. Neste ambiente também aparece a reação ético-moralista dos denominados "apóstolos, pregadores ou moralistas de latrina", os quais advertem, denunciam e censuram os "imbecis e cretinos" autores ignotos suplicando a Deus que perdoe a vileza de suas indignas "apelações", já que logram ludibriar o castigo terreno. . .

Bom manancial de grafitos seriam, na sua gênese, os dísticos dos pára-choques de caminhão, dos vidros e pára-brisas de veículos, os plásticos e decalques, antes da fase mercantil; ao se vulgarizarem passaram a ser "frases feitas", sem a espontânea autenticidade que caracteriza o grafito. Se fosse válida a avaliação desta fonte ver-se-ia a predominância romântica, erótica, jocosa, filosófica e alternativa, com alusão a estudos já feitos, por Marcos Vinícios Vilaça e Mauro Almeida, dentre outros.

Os cruzeiros e templos concentram grafitos religiosos e românticos, ou a mescla de ambos. Outros despontam como súplica, ou agradecimentos — uma forma de ex-voto; e há os que são meros registros de visita; estes últimos encontrados também em pontos de visitação pública e locais turísticos, como rochas de grutas, cachoeiras, ruínas, e até na cratera de vulcões.

As inscrições cemiteriais poderiam decorrer de "obrigações de terreiro", na forma de despacho ou de ex-voto; uma possível deturpação ou prolongamento do "balé de lansã", com o fito de "libertar-se de. . ."; ou ainda um "despacho de esquerda" do ritual nagô, em homenagem aos mortos. . .

Tem-se notícia de "rituais" celebrados nas lápides de cemitérios em hora de vigilância frouxa (ou com a conivência dela) quando se bate com a galinha viva contra a pedra da catacumba até a morte dela.

b) *Comunicação*: No aspecto comunicacional os grafitos se afiguram como um desafio ao sistema da teoria da comunicação. O único elemento do processo de comunicação realmente conhecido é a *mensagem*, embora sintética, facilmente dedutível num contexto dado ou na forma expressa.

O *emissor* identificável como pessoa é uma das características do grafito. Pelo contexto incorpora-se o emissor em categorias expressivas: a emissão de

suas mensagens busca desvinculá-lo de peso e angústias opressivas, depressivas, anárquicas e outras fobias, num esforço catártico inconsciente. A mensagem, na lógica do conceito de grafito, é sempre gráfica mas nem sempre verbal; consta de frases, palavras, iniciais, desenhos, pinturas, símbolos ou meras expressões artísticas.

Ao contrário do emissor, que é uma pessoa certa embora ignota, o receptor é acidental e incerto desencadeando reações imprevisíveis de serem detectadas em toda sua amplitude, sem suspeições. A *identidade semântica* da mensagem entre emissor e receptor é fortuita, provocativa por vezes, como nos casos dos grafitos emitidos na ansiosa esperança de proselitismo (políticos, eróticos dos WC, por exemplo). O *feed back* é hipotético, residindo na possível adesão almejada.

No caso raro de grafitos em que o emissor declina por extenso seu nome e a mensagem é toda expressa, resta a dúvida quanto à certeza de receptor concreto. Nada impede que se conjecture em diálogos iniciados entre incógnitos através de grafitos de "casinha", desafiando o ardor moralista dos "apóstolos de WC". Habitualmente o diálogo nestas circunstâncias é assimétrico, unilateral, faltando-lhe a bipolaridade dinâmica inerente à essência dialogal.

Os grafitos representam também uma forma inconsciente, mas publicamente confessa de transferência psíquica. É o desaforo, desfechado pelo emissor, sob a proteção do anonimato. O emissor, acobertado pela segurança do "local isolado" (WC) ou angustiado pela opressão do momento (nas bancas de escola) procura desafronta patenteando por meio do grafito uma sanção contra o agressor, para possível conhecimento público de fortuitos receptores.

A impotência de meios para "fazer justiça com as próprias mãos" infunde ânimo para fixar reivindicações em locais públicos, através de mensagens que calam no íntimo por causa da opressão em conveniência das circunstâncias mas que o autor deseja ver perpetradas "ad perpetuam rei memoriam".

O *feed back* da mensagem fica dependente do público incerto, quase nunca o receptor intencionado. Desta forma, o *feed back* é dúbio, de efeito retardado e de consequências imprevistas e imprevisíveis conforme o esquema da "Tuba de Wilbur Schramm" no modelo de Comunicação de Massa. Nos grafitos vocativos religiosos e em alguns precatórios, o emissor sabe que se dirige ao sobrenatural (aos Santos ou a Deus) e que o grafito assume então a conotação de "promessa paga", ex-voto, ou súplica; mesmo assim há o testemunho público da mensagem emitida, embora sem esperança de *feed back* concreto, ainda que dubiamente ansiado.

c) *Grafia e estilo*: São poucas as possibilidades de uma análise sintática e mesmo de correção gráfica nos grafitos. E isto se deve ao fato de que os grafitos são de estilo sucinto, sintéticos nas palavras e expressões, telegráficos, sem preocupações maiores que a de dar o recado, mitigar o recalque, transvasar complexos, agredir, alertar, ameaçar, evocar ou invocar. O aspecto formal é secundário. Isto explica facilmente as apelações e desmandos gramaticais, o uso de formas estrangeiras paralelas às simbioses linguísticas. O vocabulário vulgar, o calão, a gíria malandra, são de uso corrente bem a gosto do "estilo grafito".

Nem sempre isto ocorre, com honrosas exceções de quadrinhas chulas repetitivas e contraditórias nos WC de todos os quadrantes do país. O francês estigmatiza mordazmente a "literatura dos grafitos":

"Muraille, papier de la canaille!"

Na verdade, trata-se antes de um aspecto de psicologia social do que de gramática e muito menos de literatura.

Modesta lanchonete de um ponto de parada de ônibus, no interior do Ceará, recebeu o improvisado letreiro "For men out side" seguido de uma seta indicativa de que o WC masculino era "aí fora no mato" pois que o banheiro interno era exclusivo para "Damas".

No campo dos grafitos há aspectos ambivalentes quando a inscrição não resulta de medida oficial mas é utilitária: nas feiras-livres, box de mercados, oficinas e lanchonetes humildes podemos colher frases, palavras e expressões que oscilam desde a informação utilitária (preços, horários. . .) à advertência gaiata, numa amostragem imaginosa da verve popular satírico-criativa.

Como quer que seja, o grafito sincroniza os anseios submersos e inconfessos do ser humano numa afrontação do coletivo em busca de catarse tranquilizante e talvez gratificante para o autor; este atua sem compromissos éticos, morais, gramaticais, ou outros, que a força do inconsciente que o oprime. Pela externalização dos conflitos e tensões, através do grafito, seu autor logra satisfação catártica, ao menos parcial. O aspecto de *feed back*, adesão e proselitismo ansioso é secundário, podendo vir por acréscimo.

GRAFITOS EM CÉDULAS DE DINHEIRO

- 1) — Gosto de cravo branco
Também gosto de jasmim

- Gosto da professora
que ensinou bem a mim.
Márcia
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 10918 - 079773) Local de coleta: Petrolina
julho - 78
- 2) - São Cipriano me valei-me quem achar escreva três vezes. Zenaide.
(Cédula de Cr\$ 1,00 - BI 1345 - 013505) Recife - agosto - 78
 - 3) - Valei-me meu São Sipriano quem receber esta nota copie 3 notas de dez
que nada lhe faltará.
(Cédula de Cr\$ 10,00 - A 05632 - 38428). Recife - julho - 78
 - 4) - Quem pegar nesta nota jamais lhe faltará dinheiro. Escreva 1 nota de um
cruzeiro e passe para frente.
(Cédula de Cr\$ 1,00 - B 11745 - 062357). Caruaru - julho - 78
 - 5) - Quem pega nesse dinheiro vai ficar rico.
(Cédula de Cr\$ 10,00 - A 05656 - 094518) - Recife - julho - 78
 - 6) - Quem pegar esta nunca lhe faltará dinheiro escreva 5 notas e mande para
frente e Cosme e Damião lhe aumentará.
(Cédula de Cr\$ 1,00 - B 11918 - 006761) Caruaru - julho - 78
 - 7) - Vá mas volte.
(Cédula de Cr\$ 10,00 - A 03838 - 024801). Recife - julho - 78
 - 8) - Deus morreu por vocês vivam por Ele.
(Cédula de Cr\$ 1,00 - B 10927 - 089600). Recife - maio - 78
 - 9) - Quem tiver com este dinheiro é fresco e a irmã é puta.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 10908 - 030025). Recife - maio - 78
 - 10) - Este dinheiro é falso.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 11920 - 003818). Petrolina - julho - 78
 - 11) - Dinheiro de miséria.
(Cédula de Cr\$ 1,00 A 01778 - 064223). Petrolina - julho - 78
 - 12) - Vai lascado.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 06439 - 043406). Recife - junho - 78
 - 13) - Instituto Brasileiro Caixa Postal 50-5425 São Paulo.
(Cédula de Cr\$ 10,00 - A 02520 - 079288). S. José do Egito - junho - 78
 - 14) - Desenho de cruz suástica na testa e cruz normal na barba de D. Pedro II
na cédula de Cr\$ 10,00 - A 05627 - 012101. Garanhuns - julho - 78
 - 15) - Biu Pretinho é o homem mais safado de Salgadinho.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 11361 - 039277). Recife - junho - 78

- 16) – AMOR de Ângela e Geraldo. A e i o u.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 06767 - 066827). Garanhuns - julho - 78
- 17) – Um cruzeiro (sic). E no verso: quem foi, fui eu.
(Cédula de Cr\$ 1,00 - B 03006 - 059919). Caruaru - julho -78
- 18) – 1, 4, 78 Dia da Mentira.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 11749 - 012911) . Gravatá - agosto -78
- 19) – Mulher e jumento só quem procura é seu dono.
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 11984 - 093506). Petrolina - julho -78
- 20) – Se peito de mulher fosse buzina ninguém dormia dinoite (sic).
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 11534 - 089961). Petrolina - julho -78
- 21) – Mulher que se vende não valia o que recebe. A.J.C. Vire (E no verso:)
Eu falei que mulher que se vende não vale o que recebe seu jumento !!!
(Cédula de Cr\$ 1,00 B 10120 – 096684). Petrolina - julho - 78
- 22) – Vire o lado. (E no verso:) Curioso safado.
(Cédula de 10,00 A06297 – 066061). Recife - junho -78
- 23) – AMOR AMOR AMOR AMOR
(Cédula de Cr\$ 50,00 A 02494 - 028541). Caruaru - julho - 78
- 24) – 39490
(Cédula de Cr\$ 1,00 B11751 - 087678). Recife - julho - 78
- 25) – Muitas cédulas com nomes de pessoas: Francisco, Pimentel, Roberto,
Eduardo, Diógenes Antônio Maria , Sérgio
- 26) – Muitas outras com rabiscos ilegíveis ou já apagados, esmaecidos ou bor-
rados.
Nos dois últimos casos, são cédulas de Cr\$ 1,00, 5,00 e 10,00

